Trabalho final

Pensar “O porquê e o como da comunicação aumentativa”

Formadores: Doutores Joaquim Colôa e Nelson Santos

Escolhi esta ação de formação porque, neste momento, trabalho numa Unidade de Ensino Estruturado para o Autismo dos 2º e 3º ciclos.

Entre os vários alunos que acompanho, encontra-se o N..

Escolhi-o como alvo deste trabalho prático, pois considero que se trata de um aluno com características particulares a nível da comunicação. Passo agora a apresentar um breve perfil da sua funcionalidade e, a sua resposta/participação face aos diversos estímulos a que é diariamente exposto.

* Quinze anos.
* Não apresenta deficiências visuais ou auditivas.
* Jovem não verbal; recorre a um número limitado de gestos para se exprimir (não, eu; levanta, a pedido, três de cinco dedos).
* Comunicação frequentemente, agressiva (postura rígida, gestos rápidos com aparente intenção de agredir, expressão facial, inicialmente, de difícil leitura, os olhos excessivamente abertos, e, balancear violento do tronco).
* Observador geralmente passivo, sem demonstração de vontade espontânea em partilhar tarefas com outros.
* Responde à voz humana de forma elementar observando-se nessas alturas, mudanças nos padrões de comportamento (movimentos e mesmo na respiração mais acelerada)
* Reage, geralmente, de forma desapropriada, ao toque, à aproximação física, especialmente ao olhar frontal, agarrando rápida e repentinamente, com as duas mãos, o pescoço do adulto. Estas situações acontecem tanto na escola, como em casa.
* Consegue aprender acções simples utilizando objectos.
* Consegue manusear instrumentos de escrita, como por exemplo, uma caneta de feltro grossa. Escreve o seu nome no computador, sem ajuda; manuscreve o seu nome com algum suporte do adulto (que lhe agarra no cotovelo, conduzindo o movimento).
* Não apresenta limitações motoras globais, revelando habilidade, por exemplo, no jogo com uma bola, que atira tanto com as mãos como com os pés, com força e precisão.
* Se bem disposto, mantem-se 10 a 15 minutos em actividade, por exemplo, no espaço do Trabalhar e Aprender, revelando gosto pela actividade, através de sorrisos e da emissão de um som que se assemelha a um sussurro.
* Mostra capacidades compreensivas para a manipulação das pistas visuais existentes em todo o espaço da Unidade, organizando-se de acordo com as mensagens (tal facto é observável quando ele manipula as etiquetas que regulam as etapas do seu dia e cumpre o que está escrito nas mesmas). Registo aqui um comportamento, muito interessante do N., que, na minha opinião, revela capacidade de resolução de problemas e mesmo de decisão – o N., de vez em quando, troca as etiquetas, isto é, retira o Aprender e coloca a etiqueta do Computador, ou seja, resolve o seu dilema, de forma autónoma e engenhosa, esquecendo-se que eu estava atenta e que observei tal facto.
* Foi avaliado pelo Cantic, que recomendou o Cheap-Talk, que ele manipula de forma hábil, autónoma e, onde se concentra 10 a 15 minutos.
* Família atenta, colaborante.

Esta jovem é uma pessoa a necessitar de ajuda, sem a qual permanecerá sem ser compreendido, fechado nos seus maneirismos motores, nos seus rituais não funcionais, manifestando-se de forma violenta, talvez porque não consegue encontrar estratégias para o fazer de outra forma. Afinal, se eu quiser trocar/partilhar emoções, razões, se por comprometimentos biológicos não o conseguir fazer, se os outros não dominarem o meu código e eu o deles, o que me sobrará?. Afinal, e, citando António Damásio, em o livro da consciência “Do que precisa uma célula para viver?. Muito simplesmente … de boas relações externas …”.

Assim, foi interessante ouvir os formadores falarem sobre comunicação aumentativa. Sempre que os ouvia, um nome surgia na minha mente e, dava substância a tudo o que se dizia – N..

Este jovem recorre ao gesto para fazer alguns pedidos simples, como, por exemplo, quero água, dizer não; para isso, é necessário que o outro olhe para ele, uma vez que ele evita a proximidade, que não se dirige espontaneamente e, quando o faz, é geralmente, para agredir.

Como poderá então, o N. fazer pedidos, dizer que” quer mais”, dizer que “não”, chamar a atenção de alguém (se esse alguém não estiver a olhar para ele), falar sobre o que sente, sobre o que faz, se todas estas acções pressupõe, para além de outras, capacidades verbais, se não domina esse instrumento maravilhoso, que é o verbo, a palavra?.

Esta acção de formação deu a resposta – através da Comunicação Aumentativa. Proporcionar a este jovem instrumentos que lhe permitam manifestar-se é um direito que lhe cabe e uma obrigação por parte dos adultos que com ele convivem.

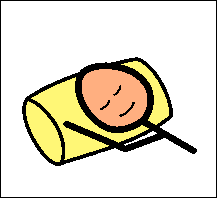
Com o objectivo de pôr em prática os conteúdos aprendidos, de melhorar a vida do N. e também a dos adultos que com ele convivem, (refira-se que este jovem só agride os adultos, não os colegas … porque será?), entendi criar uma tabela de imagens recorrendo ao Boardmaker, o software que utiliza a biblioteca dos símbolos do sistema pictográfico de comunicação (SPC), com a intenção de o munir de instrumentos de expressão dos seus sentimentos; talvez, assim, possamos antecipar, compreender e, dar uma resposta mais eficaz ao seu, suponho, turbulento mundo interno.

Porque o N. tem quinze anos, para além do Programa Educativo Individual tem também um Plano Individual de Transição. Neste, encontramos várias actividades de cariz funcional, que ele tem vindo a desenvolver de forma irregular, isto é, com manifestações de agressividade física. Também no contexto familiar se registam os mesmos comportamentos desadequados.

Passo agora, a apresentar o resultado das informações recolhidas nesta acção, através da aplicação prática do que ouvi, mais especificamente através da construção de uma tabela que, acredito e espero, o ajudará a tornar-se mais autónomo, mais feliz. Esta tabela foi realizada depois de uma reunião com os Encarregados de Educação, as assistentes operacionais, a Psicóloga, a Psicomotricista, a Terapeuta da Fala da APPDA (Associação Portuguesa para Perturbações do Desenvolvimento e Autismo) e, o Diretor de Turma.

Seguiram-se depois as seguintes etapas:

* Apresentação a todo o grupo, por parte da docente, dos símbolos no tempo do Trabalho de Grupo;
* Trabalho de grupo - cada aluno tem uma tabela à sua frente; é pedido ao grupo, que mostre determinada imagem. Desta forma, o N., pode recorrer à estratégia da imitação para responder; ao seu lado e, à sua frente, encontram-se dois dos alunos mais participativos e bem sucedidos, a nível cognitivo;
* Trabalho de grupo - é pedido aos alunos que manifestem facialmente algumas das emoções visualizadas na tabela – jogo do chefe manda;
* Trabalho de grupo – jogo de emparelhamento das emoções, criado pela docente; é pedido ao grupo que levante à vez, um dos cartões onde se encontram as mesmas imagens da tabela. Cada um, tem depois, de a colocar na folha base, onde se encontram os mesmos símbolos;
* Tempo do Aprender – treino individual com o N.; é-lhe pedido que mostre a imagem onde está zangado, triste, etc., que realize determinada ação que vê na imagem (por exemplo, quero água);
* Tempo do Trabalhar – O N. encontra neste espaço, entre outras, fichas de emparelhamento com o objectivo de treinar autónoma e previamente a etapa seguinte, a manipulação do mini livro com as imagens apresentadas. Eis um ex., de uma das fichas.



TENHO FOME

TENHO SONO

É pedido ao N. que coloque a etiqueta certa na imagem apresentada. Esta ficha é elaborada com velcro, de forma a que ele coloque a etiqueta correta na imagem.

Etapa final:

* Criação do mini livro, que foi colocado num fio ao pescoço. Todos os alunos tem um fio igual.

Agradeço a todos os que participaram nesta acção, a troca, a partilha, as dúvidas colocadas, que me permitiram o confronto comigo mesma. Afinal, como diz o Físico Carlos Fiolhais, “ hoje sei mais do que ontem, e, amanhã saberei mais do que hoje”.

Lisboa, 3 de Junho de 2014

Raquel Barreiros